

LUZ DE ALEXANDRIA

Câmara de Estudos Maçônicos – A.:R.:L.:S.: Heráclito Victória Nº 3168



Aniversariantes dos Meses de Agosto e Setembro

06/08 - Paulo L. Bergamaschi
06/08 - Welton Matias Neto
07/08 - Alex Sandro Silva da Silva
14/08 - Anderson Peixoto Kaefer
15/08 - André De Nardi Poloni
01/09 - Tiago Lourenço de Azevedo
06/09 - Adriano Grasel
06/09 - Sidnei Domingos Vetturazzi
09/09 - Ismael de Lucena
11/09 - Eder Oselame
28/09 - Alexandre Matté
28/09 - Rodrigo Martinighi Onzi
30/09 - Júlio César Zambiasi

Programação Mensal

06/08 - Sessão Ordinária de A.: M.:
13/08 - Sessão Magna de Exaltação
20/08 - Dia do Maçom
27/08 - Sessão Ordinária de A.: M.:
03/09 - Sessão Administrativa de M.: M.:
10/09 - Sessão Alusiva à Semana da Pátria
18/09 - Sessão Alusiva à Semana
Farroupilha (Recanto Fraternal)
19/09 - Festejos Farroupilha
(Pavilhões da Festa da Uva)
24/09 - Sessão Ordinária de A.: M.:



COLUNA DA SABEDORIA

Meus Irmãos,

Com alegria e senso de responsabilidade, damos início à nossa 8ª Edição de Trabalhos, referente aos meses de Agosto e Setembro. Nesta jornada, teremos o privilégio de refletir sobre temas que tocam a essência do Maçom e sua caminhada, desde o silêncio da meditação até a prática do dever, do aperfeiçoamento e da fé.

A Loja Heráclito Victória pode ser comparada a uma grande máquina, robusta e potente, que opera em perfeita harmonia para produzir seu mais precioso fruto: Maçons conscientes, instruídos e comprometidos com os ideais da Ordem. Esta máquina é conduzida por líderes que norteiam o caminho e movida pela força coletiva de cada Irmão de nosso quadro, que, unidos, jamais encontram obstáculos intransponíveis. Assim como a vida nos surpreende com chamados inesperados, também nossa Ordem nos convoca, em diferentes momentos, a erguer a mão firme ao labor e a estar sempre apostos para servir. Que possamos, portanto, acolher cada oportunidade de trabalho com dedicação e disciplina, conscientes de que a presença e o esforço de cada um fortalecem o todo e engrandecem nossa Oficina.

E lembremo-nos sempre: pessoas vêm e vão, ciclos se iniciam e se encerram, mas a grande máquina não pode parar. Pois é na constância do trabalho, na união em torno de um bem comum e na busca pela prosperidade da Ordem Maçônica que se garante a perenidade de nossos ideais.

Que esta edição seja um marco de aprendizado, fraternidade e renovação de propósitos.

Um Fraternal Abraço.

Tiago Dalan
Mestre Instalado



A.:R.:L.:S.:
HERÁCLITO VICTÓRIA Nº3168

RITO BRASILEIRO
QUARTAS FEIRAS, 20H

RUA PAULINO BALBINOTTI, 385
FORQUETA - CAXIAS DO SUL RS

CRÔNICAS 05

O GRANDE DESAFIO

IR.: EDUARDO AUGUSTO ROCHA

O Grande Desafio

Existe um grande paradoxo entre lealdade e o desafio de praticá-la no ambiente maçônico, capaz de pôr à prova o mais ilibado dos homens.

Lealdade é uma das virtudes mais difíceis de praticarmos na maçonaria, pois só existe lealdade quando nos comportamos, e nos mantemos fiéis a nós mesmos. Ela depende de uma série de fatores arraigados desde a nossa infância, ao meio onde fomos criados, nossa cultura, nossa história pessoal e os valores e princípios adotados no convívio profano, e maçônico. O desafio de ser leal consigo mesmo e com seus irmãos, de ser verdadeiro, infelizmente por muitas vezes é colocado em segundo plano com muita facilidade, ainda mais quando a ambição de assunção a cargos, o deslumbre com o pseudo poder sobem à cabeça e não é construído ao bem de todos da loja.

Lealdade é diferente de fidelidade, pois a primeira exige acima de tudo, a verdade consigo mesmo; a segunda exige também a verdade com as pessoas, irmãos, família com as quais nos relacionamos em nosso ambiente profano e maçônico.

O desafio de ser leal a si mesmo, aos seus irmãos, a loja, significa que você fará de tudo para não os prejudicar haja o que houver. Você pode mudar de cargo, de comissão, até de loja ou de potência, mas a lealdade pressupõe compromisso verdadeiro do início ao fim, caso contrário, seus próprios princípios foram atropelados. Não raro, a deslealdade é amplamente justificada, mediante a confusão entre alguns valores e princípios, que nos induz ao raciocínio incorreto de determinada situação, coisas tipo “é um cargo simples”, “é sempre os mesmos”, “nem adianta falar”, “vou fazer o meu e tá bom”.

A máxima bíblica continua a mesma, depois de dois mil anos, você ainda não pode servir a dois senhores ao mesmo tempo, e isso vale para os relacionamentos conjugais, para as amizades, e para a convivência fraterna entre os irmãos. Contudo, estamos falando do ser humano legítimo, sujeito a falhas e desvios de qualquer natureza, influenciável e refém das percepções equivocadas ao longo da sua experiência de vida e da constante lapidação junto aos seus irmãos, que se vê por muitas vezes dominado por valores equivocados, uma pena pois de nada adiantou caminhar ombreado de tantos irmãos e exemplos honestos.

Na prática cada irmão constrói a sua própria história e o que vale para mim pode não valer para outros, porém, como foi dito no início, princípios e valores são inegociáveis, aí vai alguns de lambuja, evite falar mal da sua loja e de seus irmãos aos outros, defenda seus irmãos sua loja, sua potência, mediante comentários maldosos, acima de tudo honrar a palavra e o compromisso assumido (ninguém é obrigado a se comprometer, porém é obrigado a manter a palavra dada, a isso se dá o nome integridade), não conspirar, contra irmãos e administração pelos corredores, demonstrar interesse e dedicação ao rumo da oficina, manter-se fiel aos seus princípios básicos, são exemplos de lealdade, integridade, e maturidade, um grande e imenso desafio diário de lapidação.

A IMPORTÂNCIA DA FÉ PARA O MAÇOM E PARA A MAÇONARIA

IR.: ANTÔNIO AUGUSTO S. REGALIN

A fé e a Maçonaria possuem uma relação muito estreita, porém, de imediato é importante esclarecer que o tema não se confunde com religião, é na verdade uma forma de, na espiritualidade, o maçom encontrar um jeito de fortalecer seus valores.

Partindo dessa premissa, cabe ao maçom não somente buscar seu aprimoramento moral, mas também espiritual, pois a fé não se dissocia da Maçonaria, pelo contrário, é alicerce para seus membros e até para a própria instituição. Como uma ordem iniciática, a Maçonaria instiga seus membros a buscar constantemente a Verdade, e assim a fé assume papel essencial, não apenas para validar crenças individuais, mas para guiar todos os maçons no caminho em busca da luz.

Então, a Maçonaria não adota um dogma religioso específico, e sim um conceito amplo de fé, que se manifesta de duas formas: o reconhecimento da existência de Deus e a confiança nos ideais como instituição. É interessante notar que a fé está presente com o maçom desde o momento de sua iniciação, desde os primeiros passos, quando ele ainda nada conhece, mas com fé vence o desconhecido e inicia o processo de construção interior e, depois, ainda com fé, segue perseverante lapidando sua Pedra Bruta.

Não basta encarar a fé como uma mera confiança, ela é muito mais que isso, é o combustível que move o maçom para o bem, para o aprimoramento, para a sabedoria, para a vida virtuosa. Por isso Pike considera a fé a sustentação do maçom na tempestade da ignorância. Ter a “fé maçônica”, portanto, é acreditar e trabalhar, com convicção, na possibilidade de transformação pessoal e coletiva. A fé motiva e dá força no enfrentamento dos desafios da vida e, não menos importante, dá conforto e a certeza de que o caminho não é solitário.

Contudo, há outro tipo interessante de fé: aquela nos princípios da Maçonaria. Crer nesta instituição é ter a convicção de que seus rituais, símbolos e ensinamentos são ferramentas valiosas para a construção de um caráter sólido. Sem esse tipo de “fé maçônica”, todos os paramentos seriam simples adornos, todos os ensinamentos perderiam a profundidade de seus significados.

Portanto, a fé na Maçonaria é tanto pessoal, quanto institucional. Em síntese, a fé para um maçom não pode ser cega, mas consciente, ativa e transformadora. Ela deve conduzir à fraternidade, à moralidade e à esperança no futuro, porque é também através da fé como um pilar que a Maçonaria garante sua continuidade, erguendo templos à virtude, cavando masmorras aos vícios e fazendo novos progressos para a humanidade.

Sem a fé, o maçom se tornaria um mero executor de rituais e a Maçonaria uma instituição sem alma. Por isso, a fé não é apenas uma formalidade e sim uma essência, a fé impede que a maçonaria se torne uma mera associação de interesses e se perpetue através dos séculos.

ENTRE O CÉU E A TERRA: A ESCADA DE JACÓ E A BUSCA PELO DIVINO

IR.: WILLIAM DARIZ

A busca humana por uma conexão com o transcendente, uma pulsão universal e atemporal, encontra uma de suas mais potentes expressões arquetípicas na narrativa bíblica da Escada de Jacó, que é um relato que utiliza um contexto extra religioso para se tornar um emblema da jornada interior, e serve como um fio condutor para explorar a ascensão espiritual através das lentes da filosofia, da mitologia comparada e do simbolismo maçônico.

A história se inicia não com um herói virtuoso, mas com um homem em sua mais profunda vulnerabilidade. Jacó era um fugitivo, exilado pelas consequências de seu próprio engano ao usurpar a primogenitura de seu irmão. Em um lugar desolado e anônimo, com uma simples pedra sendo utilizada como travesseiro, ele representa o ser humano despojado de todo amparo. É precisamente neste ponto de crise que a revelação divina ocorre, não como uma recompensa por méritos, mas como um ato de pura graça que busca o homem em sua imperfeição. Em seu sonho, Jacó vislumbra uma escada sólida e permanente, firmemente plantada na terra com o topo a tocar os céus, simbolizando uma via de comunicação garantida e constante entre a esfera humana e a divina. Por ela, anjos sobem e descem, representando um diálogo incessante: as preces humanas que ascendem e a graça divina que desce. No topo, o próprio Deus confirma a aliança, prometendo a Jacó terra, descendência e sua presença divina e proteção incondicional.

“E eis que estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei tornar a esta terra; porque te não deixarei, até que te haja feito o que te tenho dito”. Disse Deus à Jacó. Genesis 28:15.

Ao despertar, Jacó é tomado por um temor reverencial e consagra o local, antes profano, como Betel (a Casa de Deus), transformando a pedra de seu desconforto em um memorial sagrado. Este episódio estabelece um paradigma de fundamental entendimento: a busca pelo divino não começa com a perfeição humana, mas com a iniciativa divina que oferece um caminho para a transformação, e a aceitação humana pela ajuda do soberano.

Esta imagem de uma ascensão vertical encontra um notável paralelo na Alegoria da Caverna de Platão, por exemplo, que descreve a condição humana como a de prisioneiros acorrentados, que tomam as sombras projetadas na parede de uma caverna como a única realidade. A libertação de um prisioneiro e sua árdua e dolorosa subida em direção à luz do sol representa a ascensão da alma do mundo sensível (o domínio das aparências e da ignorância) para o mundo inteligível (o reino da verdade e do conhecimento). Enquanto a visão de Jacó é uma teofania, uma graça recebida passivamente, a jornada do filósofo platônico é um esforço ativo da razão e da educação (paideia - desenvolvimento do indivíduo como cidadão completo e virtuoso).

Juntas, as duas narrativas descritas ilustram que a busca pela verdade é um caminho que integra tanto a fé e a revelação quanto a razão e o esforço intelectual, físico, moral e social.

O sonho de Jacó também se insere no arquetipo mitológico do axis mundi, o “eixo



do mundo”, um centro sagrado que conecta os diferentes reinos cósmicos, onde o mundo espiritual e o mundo físico se encontram. Este conceito se manifesta em diversas culturas através de montanhas sagradas, da Árvore da Vida (como a Yggdrasil nórdica - árvore cósmica que conecta e sustenta os nove mundos), ou de estruturas arquitetônicas como os zigurates da Mesopotâmia (imponentes templos em forma de pirâmide em escada, construídos pelos sumérios, babilônios e assírios), construídas para serem a morada dos deuses e uma ponte entre o céu e a terra. A Escada de Jacó representa uma profunda internalização deste arquétipo, porque o ponto de acesso ao divino deixa de ser um monumento público e se torna uma experiência íntima e pessoal, renunciando um conceito central para a Maçonaria, que é a construção do Templo Interior. Dentro do simbolismo maçônico, a Escada de Jacó, encapsula a própria jornada iniciática, desenhando um caminho de aperfeiçoamento moral e espiritual que é gradual, percorrido degrau por degrau. Também, seu simbolismo está intrinsecamente ligado a um dos objetivos primordiais da Maçonaria Especulativa, que é construir templos às virtudes e cavar masmorras aos vícios. Este é um trabalho dual e simultâneo. Cada degrau que o maçom sobe na escada da virtude corresponde a um vício, uma paixão desordenada ou uma imperfeição que é superada. Portanto, findando sobre o tema, percebemos que ele revela-se como uma metáfora universal para a busca humana pela transcendência. A lição mais profunda, unificando as tradições bíblica e filosóficas, é a da via de mão dupla. Entendemos que a verdadeira iluminação não se completa no topo, mas desde o início, logo na subida do primeiro degrau e no aceite de continuar a subir. O significado reside tanto nos anjos que sobem quanto nos que descem, na obrigação de retornar à caverna, e na prática da caridade, que derrama a luz adquirida sobre o mundo. A jornada espiritual não é uma fuga da realidade terrena, mas um processo de ascender para receber a luz e descer para compartilhá-la através da ação benevolente e do amor fraternal. Logo, a construção desta ponte entre o céu e a terra, dentro do santuário do próprio ser, é o grande trabalho ao qual nós fomos chamados.

A UMBANDA E A MAÇONARIA SIMBOLOGIA E SEMELHANÇAS

IR.: LARRI ANTÔNIO CARLESSO

A maçonaria acolhe em seu seio, irmãos de todas as religiões, indistintamente, pois a única exigência para ingressar, é crer e um Ser Superior. A Umbanda, da mesma forma, acolhe em seus trabalhos e cultos todos aqueles que necessitam do seu auxílio espiritual.

O neófito ao ser iniciado como aprendiz maçom, ingressando desta forma na sublime ordem, tem em seu processo iniciático, a apresentação aos quatro elementos, através das viagens realizadas na iniciação. Terra, Água, Ar e Fogo: quatro elementos que representa, a criação divina, quatro elementos que estão na base da criação divina. A Umbanda, sendo uma religião de culto a natureza, também assume em seu seio teológico e teogônico o culto e a reverência a esses elementos, encontrado em seus Orixás. Convém salientar que Orixá é divindade, ser divino com a função de sustentar a criação, por isso são cultuados nos pontos de forças na natureza: praia, rios, pedreiras, matas, cachoeiras, lagos, etc...

No elemento eólico temos o Orixá Ogum: Guardião do fogo sagrado, o ar que alimenta o fogo que molda o ferro, por isso o ferro também está presente na simbologia de Ogum. Ogum é o Pai emanador da Lei, aquele que aponta o caminho da retidão, aquele que guarda os caminhos para que não haja desvio.

No elemento ígneo temos orixá Xangô, o Fogo Sagrado, Xangô é o equilíbrio, a razão, a balança e o machado de dois cortes, que aliás, encontramos esse machado na geometria sagrada, muito presente na simbologia maçônica, encontramos o machado de dois cortes na estrela de seis pontas, onde temos dois triângulos sobrepostos, representando o equilíbrio e o reequilíbrio, nos cruzamentos das linhas entre um triângulo e outro, vamos encontrar essa “ferramenta” de Xangô.

No elemento terra temos os Orixás Obaluayê e Omolú, Obaluayê significa: o Senhor que é dono da terra e Omolú significa: o Senhor que é filho da terra, por isso no culto de Nação onde é cultuado como Xapanã, Obaluayê é Xapanã Velho e Omolú é Xapanã Novo. No elemento terra temos a transmutação, a estabilidade, temos nesses dois orixás a geometria sagrada da Cruz e do Octagrama, estabilização e transmutação, elementos de cura, por isso esses orixás são tidos como Curadores.

No elemento água temos a orixá Yemanjá, Mãe de todos os Orixás, mãe da vida, mãe geradora de todos que necessitamos. Aqui encontramos a geometria sagrada na estrela de sete pontas, símbolo geracionista, representando toda a criação divina. Na iniciação a sublime ordem, o neófito passa pelo elemento água no mar de bronze, onde é “purificado”. Na Umbanda a água também tem um significado de purificação, elemento de ligação universal, essencial para a existência humana.

Enfim, a Umbanda é rica em simbologia e sincretismo e se analisarmos mais criteriosamente, veremos todos eles entrelaçados com a maçonaria. A romã, que está muito presente em nossas lojas, na Umbanda ela é oferecida para Yansã e Yemanjá, nos trabalhos de harmonização ele traz uma energia de união e prosperidade, a estrela de cinco pontas na Umbanda é símbolo de ordenação, associada ao orixá Ogum, ativa os campos de ordenação de todos os sentidos, nos conduzindo a um desafio de equilíbrio, num mundo de dualidade.

Umbanda e maçonaria, maçonaria e umbanda, caminhos iguais em mundos opostos, mas buscando o mesmo ideal: erguendo templos a virtude e cavando masmorras aos vícios!

A JORNADA DO MAÇOM: UM COMBATE DIÁRIO ENTRE O PROFANO E O SAGRADO

IR.: CRISTIAN RIZZARDI



A maçonaria, em sua essência, propõe um caminho de aprimoramento moral e espiritual. No entanto, o juramento que um maçom faz não é apenas uma passagem ritualística, mas um terrível compromisso de vida que o coloca em uma jornada contínua de autoconhecimento e superação. A dificuldade dessa jornada reside na constante tensão entre o homem profano (suas inclinações mundanas) e o homem maçom (a busca pela virtude). Esse é o cerne do “porfiado combate” que se torna um exercício diário. Lembremos do que todos nós repetimos nas sabatinas: “Vencer minhas paixões, submeter minha vontade e fazer novos progressos na maçonaria”.

AS TENTAÇÕES E O CAMINHO DA VIRTUDE

A vida cotidiana é repleta de tentações que se opõem diretamente aos princípios maçônicos. A vaidade, o egoísmo, a ganância e a soberba são apenas algumas das inclinações do homem profano que o maçom deve combater. O juramento de segredo, por exemplo, pode ser posto à prova pela necessidade de se exibir ou pela pressão de um ambiente que valoriza a exposição. O compromisso com a justiça e a retidão pode ser desafiado por oportunidades de tirar vantagem de uma situação.

Não se trata de uma luta contra o “mal” no sentido clássico, mas uma BATALHA INTERNA contra as fraquezas da própria natureza humana. O maçom busca lapidar a pedra bruta que é ele mesmo, removendo as imperfeições e arestas que o impedem de ser um ser humano melhor. Essa lapidação é um processo doloroso, pois exige a renúncia de hábitos e pensamentos arraigados. Quantas vezes, no recôndito da nossa alma, não desejamos transgredir alguma regra? Sejam os francos. É para isso que servem os juramentos e ensinamentos ao longo de nossa caminhada, como lembretes contínuos de nosso compromisso.

OS PARADOXOS MORAIS E O LIVRE-ARBÍTRIO

A jornada maçônica é cheia de paradoxos que testam a bússola moral do indivíduo. Por exemplo, o maçom jura praticar a caridade, mas o que fazer quando a ajuda a um irmão pode comprometer a sua própria segurança ou a de sua família? Ou, como agir com imparcialidade e justiça quando a decisão a ser tomada envolve um amigo próximo ou um familiar? E nas oportunidades que surgem e que testam a fidelidade matrimonial? Pensemos...

Esses são dilemas que não têm respostas fáceis. A maçonaria não oferece uma cartilha de “certo ou errado” para cada situação. Em vez disso, ela fornece as ferramentas: os princípios e símbolos — para que o maçom possa, por meio do seu livre-arbítrio, tomar a decisão mais ética possível. A verdadeira dificuldade reside em aplicar esses princípios em um mundo complexo, onde as escolhas nem sempre são claras. Mas sempre que orientadas pelo conjunto de virtudes e valores morais que carregamos, certamente iremos agir da maneira certa. O maçom, portanto, deve buscar o equilíbrio entre o dever fraternal e as responsabilidades de sua vida profana, um equilíbrio que EXIGE SABEDORIA e discernimento.

A vida do maçom é um constante aprendizado. A cada passo, a cada escolha, ele é confrontado com a necessidade de honrar seus juramentos. A luta entre o homem profano e o homem maçom é, na verdade, a busca incessante pela virtude. É um processo de melhoria contínua, onde as quedas são tão importantes quanto as vitórias, pois são as quedas que revelam as imperfeições a serem trabalhadas. A maçonaria, então, não é um refúgio do mundo, mas um guia para enfrentar seus desafios, transformando o homem em um construtor de seu próprio caráter e, conseqüentemente, de uma sociedade mais justa e virtuosa.

A maçonaria nunca foi e nem nunca será um reformatório de homens. Ela transforma homens bons em homens melhores. Porém, devemos admitir que na caminhada pela maçonaria, iremos conhecer iniciados que nunca deveriam ter sido bem vindos aos processos internos de iniciação. Iremos conhecer os tais sujeitos que chamamos de “profanos de avental”. É justamente este tipo de rótulo, que precisamos evitar, todos os dias, pelas armas conduzidas pelo nosso próprio ego, e todos os sentimentos que podem arrastar nossa moral e aviltar nosso caráter. De outra maneira, se o caminho mais fácil e mais prazeroso, é o da contravenção moral, do crime, da apostasia ou da corrupção, peça a sua saída da ordem. É mais digno. Quando me perguntam, “Você é Maçom?”, eu costumo responder: “Não, mas tento sê-lo”, pois somente meus irmãos, como tal, me reconhecem, pelas minhas atitudes e meu código de conduta, TODOS OS DIAS.

Seremos medidos de maneira justa, somente no dia da entrada no Oriente Eterno, onde olharão nossos restos mortais e dirão que fomos bons, virtuosos e exemplares. Até lá? Vigilância diária e constante.

O PAPEL DA MAÇONARIA NA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

IR.: FELIPE GUBERT CRUZ

Provavelmente uma das primeiras coisas que absorvemos ao recebermos a luz da maçonaria, é sua importância nos eventos históricos mundiais e locais.

Desde a independência dos EUA, passando pela revolução francesa e pela independência do Brasil, somos abordados pelo sentimento de orgulho, ao fazermos parte de uma instituição que ao longo dos séculos, pode moldar a sociedade para um futuro mais justo e promissor.

Nesse mesmo sentimento, temos a Guerra dos Farrapos, também conhecida como revolução farroupilha, que aconteceu entre 1835 e 1845 e foi motivada por um conjunto de causas econômicas, políticas, sociais e ideológicas da época.

Para entendermos o papel da maçonaria no contexto da Guerra dos Farrapos, é importante entendermos não só o que causou, mas o contexto da Maçonaria na época, além do momento no Brasil Império durante a época que antecedeu a guerra.

A Maçonaria

A maçonaria começou a surgir tardiamente no RS em relação ao que aconteceu em outros estados do Brasil.

Os principais motivos da demora para o estabelecimento da Maçonaria Gaúcha são o afastamento dos centros de decisão, os constantes conflitos fronteiriços, a débil estrutura econômica, social, política e cultural, e a inexistência de uma elite pensante.

O baixo nível de escolaridade da sociedade na época não permitiu a formação de uma classe intelectual de destaque no Império Brasileiro, sendo que dados da época mostram que somente 1.53% dos matriculados na universidade de Coimbra eram gaúchos, enquanto 26.81% eram cariocas.

Com esse cenário de educação escassa, começaram a surgir timidamente sociedades literárias e/ou políticas, muitas delas secretas, nas cidades de Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande e Rio Pardo. Algumas delas eram vinculadas à órgãos de imprensa como elemento de difusão das ideias de independência e república organizadas por maçons.

Ao abrigo dessas sociedades filantrópicas, clubes de leitura, clubes literários, sociedades secretas surgiram as primeiras Lojas Maçônicas no Brasil, e no Rio Grande do Sul não foi diferente.

A primeira Loja Maçônica regularmente instalada foi a Filantropia e Liberdade, fundada em 25/12/1831 em Porto Alegre, com estreita vinculação com o Gabinete de Leitura da Sociedade Continentino.

Nesta primeira loja maçônica era impresso o jornal O Continentino (1831-1833), que defendia os ideais liberais. Assim como outros títulos significativos da época, se encontrava dividida entre legalistas (conservadores) e liberais (moderados e exaltados). Os liberais exaltados (radicais) defendiam o ideal republicano e combatiam a monarquia.

O Brasil Império

Após a abdicação de Dom Pedro I em 1831, o Brasil entrou num período de transição política tensa e instável, conhecido como Período Regencial, pois Dom Pedro II tinha apenas 5 anos e não podia assumir o trono.

Com esse cenário, o Brasil passava por sérias dificuldades políticas, econômicas e militares.

No campo político:

- O país era governado por regentes eleitos pelo Parlamento, o que gerou forte disputa entre facções políticas: liberais (progressistas) e conservadores (regressistas).
- As províncias não tinham representação efetiva, e as decisões vinham do centro (Rio de Janeiro), o que causava profunda insatisfação nas regiões mais distantes, como o Sul e o Nordeste.
- As frequentes trocas de presidentes de província (nomeados pelo poder central) geravam instabilidade local e desprestígio às elites regionais.

No campo econômico:

- O Império enfrentava dificuldades financeiras severas, com aumento de dívidas e queda de arrecadação.
- As províncias do Sul, como o Rio Grande do Sul, sustentavam parte importante da economia com a produção de charque (carne seca), essencial para alimentar os escravizados nas fazendas do Sudeste, no entanto, o governo imperial favorecia o charque importado do Uruguai e da Argentina, cobrando menos impostos sobre o produto estrangeiro do que sobre o nacional, o que gerava prejuízos diretos aos produtores gaúchos.

No campo militar, no que tange ao Rio Grande do Sul:

- O RS era uma província fronteira e militarizada, com histórico de conflito com espanhóis e depois com as nações do Prata.
- O governo imperial exigia lealdade militar, mas oferecia pouco suporte e poucos recursos.
- Muitos militares locais sentiam-se usados pelo centro e desvalorizados politicamente, gerando frustração entre os quadros militares regionais.

Esse cenário no Brasil fazia com que as elites das províncias não tivessem influência ou representatividade real nas decisões, o que acabou causando diversas rebeliões e revoltas por todo o país, como a Cabanagem (Pará, 1835–40), a Sabinada (Bahia, 1837–38) e a Balaiada (Maranhão, 1838–41).

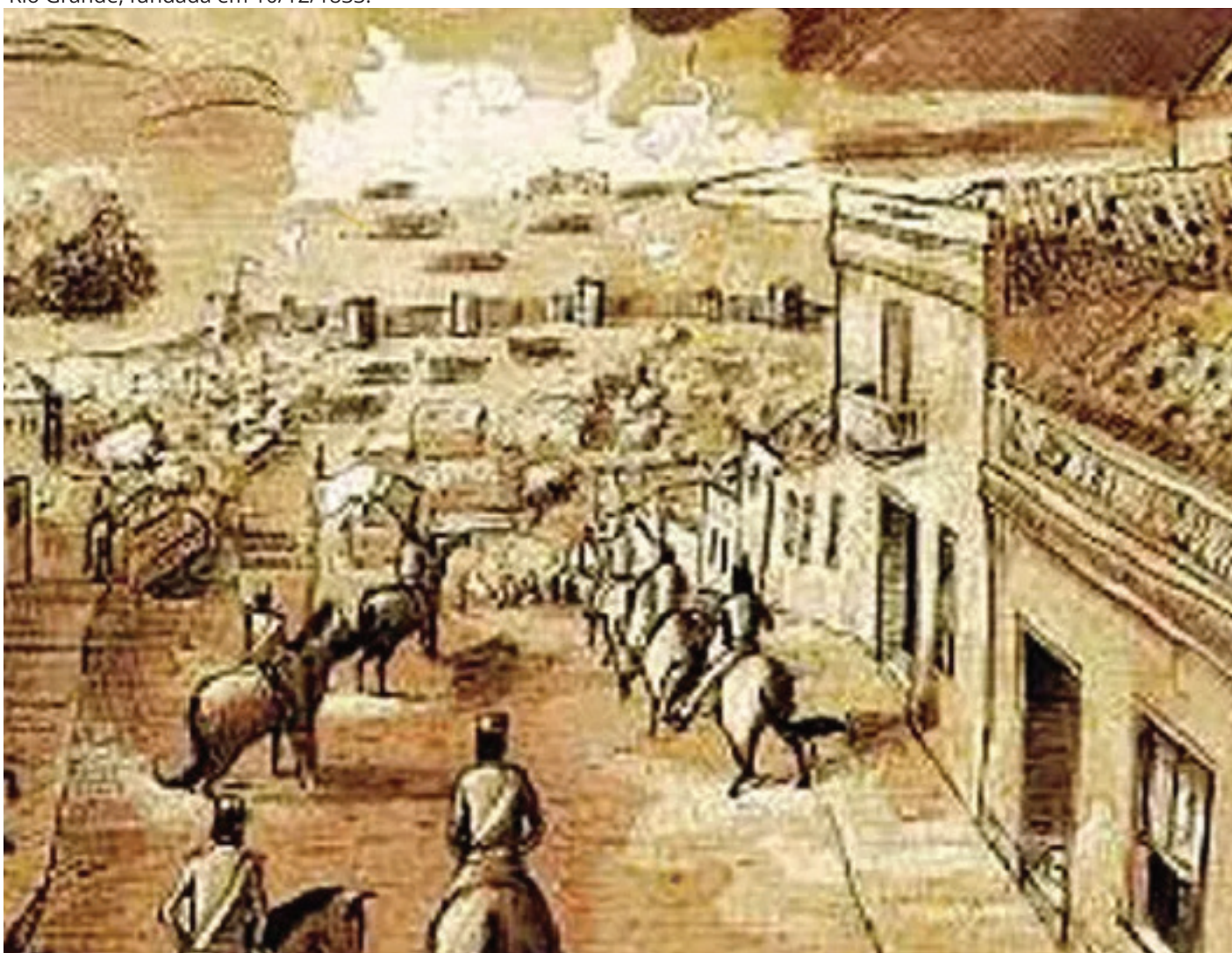
Dentro de todo esse contexto com problemas políticos, econômicos e militares, cresciam ideias liberais, iluministas e republicanas entre os maçons e intelectuais da época, a que tudo indica, principalmente na loja Filantropia e Liberdade, fundada em 25/12/1831 em Porto Alegre, com estreita vinculação com o Gabinete de Leitura da Sociedade Continentino, por iniciativa do Grande Oriente do Passeio, que tinha em Joaquim Gonçalves Ledo sua expressão maior, que pugnava pela independência, em contraposição ao Grande Oriente do Brasil, comandado por José Bonifácio, que era monarquista.

A partir dessas ideias iluministas e republicanas, e dentro do contexto que o Rio Grande do Sul estava como província do atual Brasil Império com todos seus problemas políticos, econômicos e militares, que a ideia da revolução começou a ser cogitada entre os expoentes da época, mas o estopim da revolta foi a nomeação de Antônio Rodrigues Fernandes Braga como presidente da província, vista como um desrespeito à vontade local.

Então em 20 de setembro de 1835, os rebeldes tomaram Porto Alegre, marcando o início da guerra.

O papel da maçonaria na Revolução Farroupilha

No período que antecedeu a Revolução Farroupilha constata-se a presença de mais 4 lojas funcionando no Rio Grande do Sul: Razão e Virtude, fundada em 02/09/1833 e funcionando em Santo Antônio da Patrulha; Fidelidade e Firmeza, em Porto Alegre, fundada em 28/09/1833; a Perfeita União, fundada em 20/11/1833 em Porto Alegre, e a Asilo da Virtude, na cidade de Rio Grande, fundada em 10/12/1833.



Durante a Revolução Farroupilha, em que pese a efervescência, foram instaladas regularmente algumas lojas, como a União Geral, em 03/09/1840, na cidade de Rio Grande, que em 1848 mudou o nome para União Constante; a União e Fraternidade, 05/09/1840, em São Leopoldo, que funcionou até 1860; a Harmonia Riograndense, em Pelotas, em 13/02/1841; a Protetora da Orfandade, em 15/11/1843 e que, em 1853 se fundiu com a Loja União e Concórdia, em Pelotas, e a Loja Humanidade e Justiça, em 1845, na cidade de Porto Alegre.

Embora tenha havido uma forte expansão da Maçonaria no período revolucionário, é importante ressaltar também, que o quadro político serviu para expor a fragilidade dos laços de fraternidade que deveriam unir os maçons, tendo em vista a presença deles em ambos os lados do conflito.

O grande ponto do papel da maçonaria, é que a "Instituição Maçonaria" servia como uma rede de sociabilidade e articulação política, onde ideias podiam ser discutidas longe dos olhos do governo imperial. As lojas maçônicas funcionavam, muitas vezes, como centros de planejamento e apoio logístico, ainda que não oficialmente declaradas como envolvidas na revolução. Embora a Maçonaria não tenha assumido oficialmente um papel institucional na Revolução Farroupilha, sua influência foi significativa através dos seus membros, das ideias que propagava e da rede de apoio que representava. Pode-se dizer que a Maçonaria foi um catalisador silencioso do movimento farroupilha. Os maçons que atuaram no conflito, independente do lado, levaram o ideal maçônico (cada qual com seus motivos), mas a Maçonaria em si manteve neutralidade institucional, foi influente como rede de apoio filosófico e político.

Com isso, chego a conclusão - e sem a intenção de estar correto pois não temos todos os fatos documentados - que, apesar de ser abrigo das ideias que geraram a revolução farroupilha, a maçonaria como instituição não teve papel ativo e central na revolução, mas assim como em todos os outros grandes eventos mundiais onde a Maçonaria é mencionada como influente até hoje, foram seus obreiros que efetivamente tiveram um papel central e transformador na história:

- Bento Gonçalves: Estancieiro, militar e político influente nascido em Triunfo (RS), Bento Gonçalves liderou a Revolução Farroupilha como comandante máximo, articulando forças políticas e militares em defesa da autonomia da província, e tornando-se símbolo da resistência gaúcha contra o centralismo imperial; era maçom regular da Loja Filantropia e Liberdade, de Porto Alegre.

- Antônio de Souza Neto: Militar de carreira e profundo defensor do republicanismo, Neto foi o responsável pela proclamação da República Rio-Grandense em 1836, tornando-se o principal líder ideológico do movimento e referência de firmeza moral e compromisso com a causa farroupilha; há fortes indícios de que fosse membro da Loja Filantropia e Liberdade ou de alguma loja associada no interior do RS.

- Giuseppe Garibaldi: Revolucionário italiano exilado e iniciado na Loja L'Asilo de la Virtù, em Montevideu, Garibaldi aderiu à causa farroupilha ao ver nela os mesmos ideais de liberdade que guiavam sua luta internacional; comandou ações navais decisivas e tornou-se um herói libertário reconhecido no Brasil, no Uruguai e na Itália.

Foram os homens, que com os ideais maçônicos enraizados em seu íntimo, levaram os ideais de liberdade, igualdade e humanidade para o front de batalha e exigiram as mudanças necessárias para um futuro mais promissor do Rio Grande do Sul.

E assim como o nível sem o prumo nada vale, o conhecimento que a maçonaria proporciona, sem a devida ação, tem menos valia ainda. Esses homens colocaram a vida em risco em busca de levantar templos à virtude em prol do coletivo.

No fim, a maçonaria é feita pelos homens, e a instituição é reflexo de nossas ações, sejam no campo pessoal, profissional ou mesmo político. Que possamos continuar honrando a história dos nossos antepassados, e que possamos fazer a diferença como a história nos inspira.



INTERIOR. PORTO ALEGRE.

OUTRA vez voltaremos à tarefa do exame, que principiamos a fazer, no nosso N.º anterior, sobre as infrações, que tem tido lugar na execução de Lei de 18 de Agosto de 1831; isto he, na criação do Batalhão das Guardas Nacionais da Capital, e pois que temos dito quanto nos occorre ate o Art. 18, passaremos agora aos seguintes, diz a Lei (Art. 19) "As Companhias, e Seções da Companhia, serão compostas dos Cidadãos, que entrarem na Lista do serviço ordinario. Os Cidadãos da Lista de Reserva serão repartidos pelas Companhias, de maneira que possam ser nellas incorporados, quando seja necessario, a juizo da Authoridade Civil, que houver de requisitar a Força." Ora á vista d' disposição deste Artigo, he claro, que os Cidadãos da Reserva não pertencem ás Companhias; podem sim ser nellas incorporados, segundo o imperio das cir-

esso chamamento, e da publicação da ordem, em que elle, segundo a Lei deve fundar-se? Eis uma nova infração. Sobre os Artigos, que dizem respeito ao Jury de Revista, sendo todo nullo pela illegalidade com que foram nomeados os Officiaes, que o compoem, como se diante se dirá, todos os seus actos participão da mesma nullidade. Os Artigos 27, e 28 nuncião os casos, em que os Cidadãos devem ser dispensados do Serviço; e este ultimo declara, que ao Conselho de qualificação compete a concessão do taes dispensas, á vista dos documentos, ou razões, que provarem a necessidade: tem-se porém esquivado a noticia de que ha algumas, em que o mesmo Conselho não tivera ingerencia: se assim he, cis ahi uma outra infração. Passaremos agora no Capitulo 4.º do Titulo 3.º, que tracta da nomeação dos Postes; e he neste onde se encontra um chuveiro d' infrações e nullidades, de que procede grande parte de todas as outras: o Artigo 52, por exemplo, manda que a Ellicção dos Officiaes seja feita successivamente para cada Posto, começando-se pelo mais graduado, a escriptura

por elle propostos, e approvados por aclamação. Procedendo-se pois á nomeação dos Officiaes, e inferiores por listas contendo a todos de uma só vez, como se procedeu para cada Companhia, he claro, que taes são os Officiaes e Inferiores assim nomeados, quantos as infrações, que a Lei soffreu, e as nullidades, que existem em tal nomeação, accrescendo a isto e serem excluidos muitos homens de merito, que terião sido nomeados, se elle fosse feita em conformidade com a Lei: porque, alguns votados para o Posto de Capitão, não tendo recebido a maioria, o terião sido novamente para o de Tenente, o assim por diante. Nestes termos pois, attenta a nullidade, e não sendo os Cidadãos obrigados a fazer, ou deixar de fazer coisa alguma, senão em virtude da Lei. (Constituição Art. 179, §. 1.º) ninguém deve obedece-lhes, por serem Authoridades intrusas, e illegaes: e como em vicio attale após de si muitos outros vicios, são consequentemente nulos as Ellicções do Chefe do Batalhão, Major, Adjuntado, e Alfereis Porta Bandeira, ordenados no Art. 54, por terem sido feitos por taes individuos, as dos Membros do Jury de Revista, por terem recolhido nellas mesmos, e por fim, nullo, irritos, e de nenhum effecto todos os actos por uns e outros praticados: e em uma palavra todo o Corpo, suas agies, e circumstancias uma montão de nullidades. Custa a crer que uma tal cadeia de infrações se praticasse em uma Capital, á frente de Authoridades obrigadas a vigiar sobre o cumprimento das Leis, e mesmo em presença, por assim dizer, do Presidente da Província, a quem pelo Art.

Por noticia, que nos merece todo o credito, sabemos, que passirão na Câmara dos Sres. Deputados algumas das Propostas feitas pelo nosso Conselho Geral, que muito interesse ao bem geral da Província; e que nos enche de satisfação, não só pela parte que nello tomamos, mas tambem por vermos approvados os esforços dos Ilustres Conselheiros, que o compoem: agora de novo nos empree exhortar ás Câmaras Municipaes, para que adiram tem seus trabalhos a fim de lhes dar novos motivos a proveitarem e interessarem as Propostas, visto que ja se não pode duvidar do bom acclimação que acharão no Corpo Legislativo segundoo exemplo, que nos dá o Sr. Deputado. Nos numeroes seguintes declaramos a nossos Leitores quees o objecto de que tractamos estas Propostas, e a sua recencia-os tambem sobre as utilidades, que dellas nos resultão.

VARIEDADES.

Continuação do N.º 111 pag. 443.

OS PESCADORES.

Que distancia não vai destes a uma pescador de bairros. A Regencia do Brasil fignos de conta, que he um grande maridiro, para cuja pesca não tem fallado armazens, e ambiciosos armadores, os quaes não olhão ao trabalho, e fadigas da pesca; mas só ao azeite, que podem tirar desse grande peixe, para os barbotanos, e esparmece, que serve para muita cousa. O lugar de Deputado he uma cavalla, e gorda; e tanto melhor pes-

GRANDE ORIENTE DO BRASIL E SUA HISTÓRIA

IR.: ALEXANDRE DE LAVRA PINTO

IR.: ARTHUR PEROTONI

Falaremos hoje sobre a fundação do Grande Oriente do Brasil (GOB), sem entrar nas celeumas das origens da maçonaria no mundo, bem como na fundação da Grande Loja Unida da Inglaterra (UGLE), que é assunto para outro trabalho.

A origem do GOB, ocorre em uma época de grandes revoluções no Brasil e que por muitas vezes se entrelaça com elas. Após a formação da UGLE, a maçonaria logo teve grande divulgação pelo mundo, em 1729 era formada a Grande da Loja da Irlanda; no Reino Unido, em 1736, fundou-se a Grande Loja da Escócia; estas Três tendo seus Corpos maçônicos independentes e soberanos. Especificamente nas colônias americanas a maçonaria teve registro em 1715 de uma loja maçônica na Filadélfia. Durante o século XVIII, houveram muitas Lojas Militares com cartas constitutivas itinerantes, podendo se reunir em qualquer lugar onde estivesse o regimento, acreditando-se que isso foi o responsável pelo desenvolvimento do cerimonial e expansão territorial da Maçonaria nos anos 1700. Com a movimentação dos regimentos militares e as lojas atraindo pessoas locais, estas foram crescendo e após a sua mudança para outras localidades essas lojas permaneciam e assim acabavam formando novas lojas. Após essa movimentação no Brasil, com muitas pessoas viajando para Europa para terminarem seus estudos e lá imbuídos dos princípios do Iluminismo, procuravam, no seu retorno, por instituições que pudessem aplicar seus ideais de liberdade e igualdade. Muitos lá foram iniciados em Lojas e quando do seu retorno, aqui participaram da formação das primeiras Lojas Maçônicas no Brasil.

A primeira loja que consta formada no Brasil, foi a “Loja Reunião”, fundada em 1801, no Rio de Janeiro, filiada ao Oriente de Ille de France. Outras duas: “Constância” e “Filantropia”, foram formadas no Rio de Janeiro pelo Grande Oriente Lusitano. Essas três Lojas, formavam o núcleo maçônico do Rio de Janeiro e partir disso a Maçonaria espalhou-se para outras províncias do Brasil.

Como as três primeiras Lojas criadas, estavam sob a égide de Potências regulares e começaram a surgir outras Lojas com esse reconhecimento, como foi o caso em 1815 da criação da Loja “Comercio e Artes”, tendo importância por ter sido fundada com a finalidade de criar uma Potência Maçônica puramente Brasileira, sendo esta independente, sem subordinação a um Grande Oriente ou Grande Loja regular. Em 1796 foi fundado o Aerópago de Itambé, entre os estados da Paraíba e Pernambuco, esta não pode ser considerado uma Loja, sendo considerado mais um clube. Seu objetivo principal era a libertação nacional e extensão do colonialismo. A “Conspiração dos Suaçunas” em 1801, foi organizada pelos seus membros, que com o fracasso dessa, levou a sua dissolução em 1802 e seus membros tiveram papel na Revolução Pernambucana de 1817.

A partir dessa revolução a reação por parte de dom João VI, foi a expedição do Alvará Régio em 18 de março de 1818, que proibia o funcionamento de sociedades secretas, com isso as Lojas pararam seus trabalhos, se reunindo secretamente. Com o retorno de dom João VI a Portugal, seu filho dom Pedro assume como regente. Com isso o Alvará Régio fica mais enfraquecido e a loja “Comercio e Artes” foi reerguida, em 24 de junho de 1821. A adesão foi tão grande que seus líderes, Joaquim Gonçalves Ledo e José Bonifácio de Andrada e Silva, pensaram em criar uma Obediência nacional, que tivesse a independência do Brasil como meta inicial e principal.

Após os membros da “Comercio e Artes”, fundaram outras duas lojas, “União e Tranquilidade” e “Esperança de Niterói” e essas três formaram a base para formação do Grande Oriente Brasília ou Brasileiro, que viria mais tarde formar o Grande Oriente do Brasil e isso ocorreu no dia 17 de junho de 1822, tendo como primeiro Grão-Mestre José Bonifácio de Andrada e Silva, que defendia a ideia de independência dentro de uma união brasílicolusa enquanto Joaquim Gonçalves Ledo, defendia o rompimento total da coroa lusa e a criação de um regime republicano. Na loja “Comercio e Artes” com a participação dos maçons José Joaquim da Rocha e Clemente Pereira que redigiram a dom Pedro carta de solicitação que permanecesse no Brasil, culminando com o “Dia do Fico” em 09 de janeiro de 1822 e sob a liderança de Joaquim Gonçalves Ledo, outorgou dom Pedro com o título de “Defensor perpétuo do Brasil”.

José Bonifácio indicou dom Pedro para ser iniciado na loja “Comércio e Artes” em 2 de agosto de 1822. Três dias após sua iniciação foi exaltado a mestre maçom e em mais duas semanas, encabeçado por Gonçalves Ledo foi indicado a Grão- Mestre do recém formado Grande Oriente. A independência do Brasil foi obra incontestável de José Bonifácio em 7 de setembro de 1822. Após essa data os grupos de Gonçalves Ledo e José Bonifácio, começaram as divergências e por orientação de José Bonifácio fez ver ao Imperador que a exigência de Gonçalves Ledo eram prejudiciais a estabilidade do seu governo, fazendo com isso, que dom Pedro I feche o GOB em 21 de outubro de 1822, abrindo novamente 10 anos depois em 7 de abril de 1832, após o seu retorno a Portugal, operando ininterruptamente até os dias de hoje.

Muito se discute sobre o reconhecimento do GOB pela UGLE, alegando-se que esse reconhecimento remonta a 1822, mas não existe confirmação desse fato. Alega-se que esse reconhecimento teria sido efetivado através de uma carta de 1831, mas nunca se encontrou evidência desse fato. Acredita-se que pelo fato do GOB ter operado por apenas 4 meses, quando da solicitação do reconhecimento, não houve tempo hábil para envio dessa carta, ou mesmo ter sido enviada, só temo que lembrar que naquela época as correspondências demoravam muito tempo para serem entregues, e com essa parada de funcionamento do GOB essa carta pode nem ter sido enviada ao Brasil. A primeira solicitação desse reconhecimento foi encontrada em Londres no ano de 1868, na época em que haviam no Brasil os dois Grandes Orientes rivais, do Lavradio e dos Beneditinos e com isso, segundo o Grande Secretário anunciava que a UGLE não emitia cartas em locais com conflitos de jurisdição. Um importante intermediador dessas negativas foi o almirante Artur Silveira da Mota, da marinha imperial do Brasil, que tinha contatos importantes na Inglaterra, como o da Sua Alteza Real, o príncipe de Gales e Grão mestre, através de uma carta em janeiro de 1880, a qual após analisada foi aprovada. Para amenizar essa rivalidade, no ano de 1883, o Grande Oriente dos Beneditinos, enfraquecida, foi absorvida pelo Grande Oriente do Lavradio, se tornando a detentora da emissão das cartas constitutivas em nosso território, acabando com isso, a liberação de cartas diretamente da Inglaterra, sendo então a Suprema Potência Maçônica reconhecida no país.

Esse processo de reconhecimento se deu a dois maçons que se dedicaram a esse processo, que foram Hipólito José da Costa e o já citado almirante Artur Silveira da Mota. Com o passar dos anos o GOB foi crescendo e agregando ao seu quadro, inicialmente o Rito de York, com diversas lojas, como Loja Vésper numero 232, em 1872, oriente do Rio de Janeiro; Loja Washington 389, Santa Bárbara do Oeste – SP em 1874; Loja Lessing 395, Santa Cruz do Sul -RS.

Na década de 1890 quando houve uma mudança do regime monárquico para o republicano e com a eclosão da Revolução federalista no Rio Grande do Sul, levou a mudanças da maçonaria no Brasil, com parcela importante da maçonaria gaúcha, rompendo relações com o poder central, levando a criação do Grande Oriente do Rio do Sul em 1893, fazendo com isso a federalização da maçonaria, tal como a República.

Em 1927 houve a grande cisão do GOB, liderada por Mario Bering, levando a formação das Grandes Lojas Maçônicas Estaduais, corpos maçônicos soberanos e independentes, com jurisdição estadual e a Loja Lessing acompanhou essa dissidência e que passou pela decretação do Estado Novo de Getúlio Vargas em 1937 e também pela segunda guerra mundial, tempos turbulentos de nossa história.

Os anos foram passando e foram sendo criadas diversas lojas e tratados para a vinculação de capítulos ao quadro do GOB e em 1912, após várias negociações com a UGLE foi anexado o Sagrado Arco de Jerusalém e em 1937 foi aberta primeira loja da Maçonaria da Marca, chamada Saint Paul's Lodge, em São Paulo. O Grau de Nauta da Arca Real, tem registrada como primeira loja a Saint Paul's Lodge of Royal Ark Mariners 961 em 1951, também em São Paulo. Posteriormente em 1968 foi anexado também a Ordem Maçônica Unidas do Templo e de Malta, com preceptórios abertos a partir desse período.

O GOB teve um papel importante na história geral do Brasil, com diversas ações em várias frentes, que levaram a soberania do estado Brasileiro em primeira instância através dos nossos preceitos de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Com aproximadamente 2.000 Lojas, com mais de 61.500 obreiros ativos, reconhecido por mais de 100 Obediências regulares do mundo, o Grande Oriente do Brasil é, hoje, a maior Obediência Maçônica do mundo latino e reconhecida como regular e legítima pela Grande Loja Unida da Inglaterra, de acordo com os termos do Tratado de 1935.

Sigamos em frentes meus Irmãos, lutando com sabedoria atrás da verdade, sem deixar de lado os nossos preceitos, que juramos no momento de nossa iniciação!

SÃO JOÃO – O NOSSO PADROEIRO

PARTE 4 – SÃO JOÃO EVANGELISTA

IR.: GABRIEL BESTEIRO

IR.: GILMAR GALIOTTO

IR.: RODRIGO ONZI

São João Evangelista ocupa um espaço único na história do cristianismo e, sobretudo, na tradição maçônica. Ao contrário de João Batista — figura associada à denúncia, ao deserto e ao ato de purificação —, João Evangelista surge como o contemplativo, o que olha para dentro, o que escreve com profundidade filosófica e mística. Essa dualidade não é acidental: na Maçonaria, ela marca os polos de uma mesma balança, a ação e a contemplação, o solstício de verão e o solstício de inverno, o fogo da profecia e a calma da sabedoria.

A comemoração de São João Evangelista no dia 27 de dezembro, próxima ao solstício de inverno no hemisfério norte. É o momento do ano em que a luz parece quase desaparecer, mas justamente ali começa a renascer. O discípulo amado é, portanto, o patrono da esperança — e essa imagem de morte e renascimento ecoa diretamente com os rituais iniciáticos da Maçonaria.

João, filho de Zebedeu e irmão de Tiago, aparece nos Evangelhos como um pescador da Galileia, chamado por Cristo para se tornar “pescador de homens”. Mas, João se torna símbolo de intimidade espiritual. Foi um dos três discípulos que presenciaram a Transfiguração no Monte Tabor, esteve ao pé da cruz quando todos os outros fugiram, e foi escolhido por Jesus para cuidar de Maria. Esse gesto final, no qual Cristo entrega sua mãe ao discípulo, é profundamente simbólico: João passa a ser guardião de Maria e da própria tradição interna e oculta da Igreja.

A tradição cristã atribui a João três papéis literários centrais: o Evangelho segundo João, as Epístolas e o Apocalipse. Enquanto os três primeiros evangelhos (Mateus, Marcos e Lucas) são chamados de “sinóticos” por suas semelhanças narrativas, o Evangelho de João se destaca pela profundidade teológica. Ele não começa com genealogias ou com o nascimento de Jesus, começa com uma declaração metafísica: “No princípio era o Logos (verbo), e o Logos (vervi) estava com Deus, e o Logos (verbo) era Deus.” Esse detalhe raramente é lembrado fora dos círculos mais eruditos: João é, na prática, o elo que une o pensamento hebraico às correntes filosóficas do mundo greco-romano. Paulo foi o grande missionário que traduziu a mensagem cristã em termos de lei e graça, João foi o filósofo que colocou Cristo dentro de uma linguagem filosófica universal

Historicamente, João Evangelista é tratado com muito misticismo e diversas correntes místicas associam-se à imagem de São João Evangelista. É significativo que sua iconografia esteja ligada à águia. Enquanto Mateus é representado pelo homem, Marcos pelo leão e Lucas pelo touro, João é a águia — o olhar elevado que penetra os céus.

O Apocalipse, atribuído a ele, reforça essa dimensão. Mesmo que haja debates históricos sobre a autoria, a tradição aceitou que João fosse o autor do livro. O livro é um compêndio de símbolos que atravessaram séculos de interpretação esotérica, alquímica e filosófica. Numerologia, imagens de morte e ressurreição, a batalha entre a luz e as trevas — tudo se conecta às mesmas estruturas simbólicas que a Maçonaria resgataria mais tarde em seus rituais e graus.

As primeiras Grandes Lojas, no século XVIII, já realizavam suas assembleias gerais nos dias dedicados aos dois São João. Isso não é acidental: o solstício de verão (24 de junho, João Batista) e o solstício de inverno (27 de dezembro, João Evangelista) são marcos cósmicos e comumente utilizados como também marcos administrativos, não somente pelos maçons, mas por diversas Livery Companies.

Conforme as exposições e antigas obrigações foram documentadas e pautadas (à partir de 1730) a alcunha de “Lojas de São João” já era uma referencia nominal à Lojas reconhecidas. No livro “Maçonaria Dissecada”, Samuel Prichard registra esta referência. Em outra exposição, anos depois (Jachin and Boaz - 1762) outra referência ao santo é registrada, desta vez ligando à abertura da Loja ao nome de São João e proibindo conversas profanas.

Antes disso, na maçonaria escocesa, São João já era fortemente referenciado. A transição de maçonaria especulativa para

operativa é mais nítida e o nome do padroeiro aparece antes do vocábulo filosófico. Os Estatutos de Schaw foram divulgados - não coincidentemente - no dia de São João Evangelista. Com regras de eleição de vigilantes e exames de memória. Mesmo antes da formação da Grande Loja Unida da Inglaterra, a estrutura já era praticada na Escócia. O nome de “Lojas de São João” também é presente em diversas lojas escocesas devido à um vínculo material - A Loja de Edimburgo - St. Mary's Chapel nº 1 tem características arquitetônicas associadas a Aisle of St John the Evangelist em St Giles, o que faz com que as lojas do oeste de Glasgow se chamem de “Lojas de Glasgow de São João”, e o sufixo se torna comum na maçonaria escocesa da época. João Batista é o auge da luz solar (verão), mas que começa a declinar; João Evangelista é a noite mais longa (inverno), da qual a luz renasce. Juntos, eles representam os dois polos da busca maçônica: ação e contemplação, coragem e sabedoria, a denúncia pública e o silêncio interior.

As Lojas que se reúnem “sob a proteção dos dois São João” estão reafirmando um eixo simbólico de equilíbrio cósmico: o trabalho do homem deve se alinhar tanto ao solstício da ação quanto ao da contemplação.

Outra camada raramente mencionada é a associação entre João Evangelista e o próprio ato de escrever. Na tradição maçônica, a Palavra perdida é um dos grandes símbolos. João, ao escrever sobre o Logos, torna-se guardião da Palavra. Ele não apenas contempla a Luz, mas a traduz em linguagem.

A iniciação maçônica pode ser comparada a três movimentos que encontramos nos escritos joaninos: O Evangelho: que apresenta a Luz como Logos, o início do caminho. As Epístolas: que enfatizam o amor como vínculo e dever, a ética do iniciado. O Apocalipse: que mostra a batalha interior e o triunfo da luz, a culminação da jornada.

Essa tríade se reflete no progresso do maçom: iniciação (descoberta da Luz), companheirismo (a vivência ética e missão) e mestrado (a vitória sobre as trevas interiores).

No rito, João Evangelista é como um patrono da última etapa: a contemplação elevada, o olhar da águia, a sabedoria.

C.E.M. LUZ DE ALEXANDRIA
Presidente da Comissão
Ir.: Vinicius Bernardi

Membros

Ir.: Daniel Sozo
Ir.: Eduardo Augusto Rocha
Ir.: Alexandre de Lavra Pinto
Ir.: Júlio César Zambiasi
Ir.: Cristian Rizzardi
Ir.: Cristian Cechin Teixeira
Ir.: Ismael de Lucena
Ir.: Diego Monteiro

Expediente:
Redação - Vinicius Bernardi
Diagramação - Júlio César Zambiasi
Logotipo - Gabriel Besteiro